

Para onde vai Lula, neste segundo mandato? O que ficou dos discursos e da campanha eleitoral no segundo turno, quando buscou temas e proposições à esquerda para se diferenciar do adversário tucano? E os movimentos sociais, manterão ou não o apoio incondicional a Lula? E que destino terão as amplas massas do povo que garantiram a sua vitória no segundo turno – vão se organizar ou refluir na multidão de anônimos, sem qualquer dimensão política? Estas são questões abordadas na segunda e última parte da entrevista do professor e cientista político Emir Sader ao *JE*.

## E agora?

Marcello Casal Jr/ABr

# Para onde vai Lula?



### O adeus a Tauile

No domingo, 10 de dezembro, se foi José Ricardo Tauile, economista, professor da UFRJ, um amante da vida e do viver. Nesta edição, os primeiros registros para a sua memória, com depoimentos de João Sabóia, Fábio Sá Earp e Jorge Luiz Tauile.

3

### Falta estratégia para energia

O professor Luiz Pinguelli Rosa faz um balanço da situação energética brasileira, apontando a ausência de políticas estratégicas para o setor e a necessidade de modernizar a Eletrobrás, que ele presidiu na primeira metade do Governo Lula.

5

## editorial

## Qual Ano Novo?

■ O ano de 2006 chegou ao seu final com a população do Rio de Janeiro sentindo, na pele, as marcas do desgoverno dos últimos anos. Não bastassem os problemas cotidianos na saúde, educação, transportes, e que se arrastam há décadas, o estado fluminense é hoje refém de bandidos e de policiais corruptos, na mais completa tradução das conseqüências desses últimos desgovernos.

2007 chega com novos governantes estaduais, novos legisladores e o segundo mandato de Lula na presidência da República. A última legislatura do Parlamento é considerada por alguns como a pior, desde a redemocratização do país. Esquemas como o do mensalão e dos sanguessugas mancharam ainda mais um Legislativo que custa caro aos cofres da Nação, sem que os benefícios à sociedade fiquem evidentes.

Os deputados e senadores, cerca da metade reeleitos, contribuíram, com certeza, para que a grande mídia desqualificasse ainda mais a atividade política, com suas manchetes de meias verdades. O Judiciário não fez por menos, concedendo aumentos salariais abusivos a ministros, desembargadores e juízes, além de liminares que retiraram do xadrez velhos e conhecidas personagens, como Paulo Maluf, reiteradas vezes denunciado por corrupção e evasão ilegal de divisas. Ou que cancelaram direitos homologados pelo Executivo, como no caso da Reserva Indígena Raposa Serra do Sol, cuja demarcação está subju-dice graças à liminar concedida pela ministra Ellen Gracie, do STF, beneficiando grileiros e arrozeiros que invadiram, em meados dos anos 90, as terras secularmente ocupadas pelos índios do Norte do país.

O novo ano chega, portanto, tomado de perplexidades e expectativas. O que será deste segundo mandato de Lula? Em entrevista, nesta edição, Emir Sader pergunta: o que ficou dos discursos da campanha do segundo turno, agora que Lula está de volta ao Palácio?

O ano velho se foi levando com ele figuras e personalidades muito queridas. Entre elas, o economista José Ricardo Tauile, falecido no dia 10 de dezembro último. A ele dedicamos esta última edição de 2006, na qual empreendemos os primeiros passos para a reconstituição e a preservação de sua memória, de suas contribuições e de seus exemplos de amor a vida.

Que o novo ano seja mais leve, mais positivo e se encerre, daqui a trezentos e tantos dias, com mais alegrias do que as tristezas que nos surpreenderam e enlutaram no ano que findou.

Um bom 2007 a todas e todos leitores.

## SUMÁRIO

3 João Sabóia  
**Um homem que amava a vida**

5 Luiz Pinguelli Rosa  
**É hora de modernizar a Eletrobrás**

8 Entrevista - Emir Sader  
**Para onde vai Lula?**



11

Juliana Bastos  
**As deficiências da indústria de bens de capital**  
Os resultados observados

15 Fórum Popular do Orçamento  
**Comitê social do Pan lança manifesto**

16 Alunos do Curso do Corecon aprovados nos exames da Anpec

O Corecon-RJ apóia e divulga o programa Faixa Livre, apresentado por Paulo Passarinho, de segunda à sexta-feira, das 9h às 10h30min, na Rádio Bandeirantes, AM, do Rio, 1360 khz.

**Je** JORNAL DOS ECONOMISTAS

Órgão Oficial do CORECON - RJ  
E SINDECON - RJ  
Issn 1519-7387

**Conselho Editorial:** Gilberto Alcântara, Gilberto Caputo Santos, José Antônio Lutterbach Soares, Paulo Mibielli, Paulo Passarinho, Rogério da Silva Rocha e Ruth Espinola Soriano de Mello • **Editor:** Nilo Sérgio Gomes • **Reportagem:** Rebecca Ramos • **Ilustração:** Aliedo • **Caricaturista:** Cássio Loredano • **Projeto Gráfico e diagramação:** Rossana Henriques (21) 2462-4885 - rossana.henriques@gmail.com • **Fotolito e Impressão:** Tipológica • **Tiragem:** 13.000 exemplares • **Periodicidade:** Mensal • **Correio eletrônico:** imprensa@corecon-rj.org.br

As matérias assinadas por colaboradores não refletem, necessariamente, a posição das entidades. É permitida a reprodução total ou parcial dos artigos desta edição, desde que citada a fonte.

## CORECON - CONSELHO REGIONAL DE ECONOMIA/RJ

Av. Rio Branco, 109 - 19º andar - Rio de Janeiro - RJ - Centro - Cep 20054-900  
**Telefax:** (21) 2103-0178 ramal 22 • **Correio eletrônico:** corecon-rj@corecon-rj.org.br  
**Internet:** http://www.corecon-rj.org.br

**Presidente:** João Paulo de Almeida Magalhães • **Vice-presidente:** Paulo Sergio Souto  
**Conselheiros Efetivos:** 1º terço (2005-2007): Reinaldo Gonçalves, João Paulo de Almeida Magalhães, Ruth Espinola Soriano de Souza - 2º terço (2006-2008): Gilberto Caputo Santos, Antonio Melki Junior, Paulo Sergio Souto - 3º terço (2004-2006): Carlos Henrique Ti-

biriçá Miranda, José Antonio Lutterbach Soares, Renata Leite Pinto do Nascimento • **Conselheiros Suplentes:** 1º terço (2005-2007): Regina Lúcia Gadioli dos Santos, Arthur Camara Cardozo, Carlos Eduardo Frickmman Young - 2º terço (2006-2008): Antônio Augusto de Albuquerque Soares, Edson Peterli Guimarães, José Fausto Ferreira - 3º terço (2004-2006): Angela Maria de Lemos Gelli, Jorge de Oliveira Camargo, Rogério da Silva Rocha.

## SINDECON - SINDICATO DOS ECONOMISTAS DO ESTADO DO RJ

Av. Treze de Maio, 23 - Gr. 1607 a 1609 - Rio de Janeiro - RJ - Cep 20031-000 • **Tel.:** (21)2262-2535  
**Telefax:** (21)2533-7891 e 2533-2192 • **Correio eletrônico:** sindecon@sindecon.org.br

**Coordenador Geral:** Sidney Pascotto da Rocha • **Coordenador de Assuntos Institucionais:** Sidney Pascotto da Rocha • **Secretários de Assuntos Institucionais:** André Luiz Silva de Souza e José Antônio Lutterbach Soares • **Diretores de Assuntos Institucionais:** Abrahão Oigman, Antônio Melki Júnior, Nelson Victor Le Cocq D'Oliveira, Paulo Sergio Souto, Ronaldo Raemy Rangel e Sandra Maria Carvalho de Souza • **Coordenador de Relações Sindicais:** João Manoel Gonçalves Barbosa • **Secretários de Relações Sindicais:** Carlos Henrique Tibiriçá Miranda e Wellington Leonardo da Silva • **Diretores de Relações Sindicais:** Ademir Figueiredo, César Homero Fernandes Lopes, Gilberto Caputo Santos, José Fausto Ferreira, Maria da Glória Vasconcelos Tavares de Lacerda e Regina Lúcia Gadioli dos Santos • **Coordenador de Divulgação, Administração e Finanças:** Gilberto Alcântara da Cruz • **Diretores de Divulgação, Administração e Finanças:** José Jannotti Viegas e Rogério da Silva Rocha • **Conselho Fiscal:** Antônio Augusto Albuquerque Costa, Jorge de Oliveira Camargo e Luciano Amaral Pereira.

# Um homem que amava a vida



No domingo, 10 de dezembro de 2006, perdemos José Ricardo Tauile, professor do Instituto de Economia da UFRJ. Graduado em Engenharia, pela mesma UFRJ, em 1968, com Mestrado em Economia pela *New School for Social Research* em 1984, Tauile fez o pós-doutorado na Universidade de Paris XIII, em 1991. Orientou muitas monografias, dissertações e teses de alunos que, até hoje, o têm na memória por tudo que ensinou e dividiu. Tauile, com certeza, continua entre nós.

■ João Sabóia  
Economista, professor do Instituto de Economia da UFRJ.

Conheci José Ricardo Tauile em 1963, na época do vestibular para engenharia. Passamos para a UFRJ e, a partir daí, além de colegas, nos tornamos amigos para o resto da vida. Enquanto ele fazia engenharia civil, eu cursava eletrônica. Poucos anos depois fomos fazer o doutorado nos Estados Unidos. Embora tenhamos seguido para cidades distantes – ele para Nova York e eu para Berkeley – sempre mantivemos contato e nos visitamos várias vezes, naquele período.

Voltando ao Brasil, passamos a trabalhar juntos na Coppe/UFRJ, de onde havia me afastado para cursar o doutorado, participando da criação do mestrado em Economia da Tecnologia. Fizemos concurso para professor assistente na antiga Faculdade de Economia e Administração (FEA), em 1978, e fi-

zamos parte do grupo de professores que iniciou a pós-graduação em economia na FEA, em 1979.

José Ricardo chegou a trabalhar alguns anos como engenheiro civil, no Rio de Janeiro. Suas preocupações sociais e seu interesse pela política, entretanto, fizeram com que ele modificasse seu percurso, decidindo pelo doutorado em economia na New School University, uma escola de esquerda, na contramão do ensino de economia nos Estados Unidos.

## Os estudos de Marx e da economia solidária

Sua vida profissional foi pautada pela visão marxista e o interesse pelo entendimento do funcionamento do sistema capitalista e de suas mudanças recentes. Sua tese de doutorado analisava as transformações do trabalho e do processo produtivo introduzidas com a microeletrônica. Seus trabalhos da década de 80 são bastante ilustrativos dessa fase inicial, como, por exemplo, o artigo “Microeletrônica e

Automação - Impli-  
cações para o Traba-  
lho e a Organização  
da Produção no Brasil”, Pesquisa e  
Planejamento Econômico, 1984.

De volta ao Brasil, dedicou es-  
pecial interesse por um dos motores  
da economia capitalista – a indústria  
automobilística. Em sua produção  
nessa área pode ser mencionado,  
entre outros, o artigo “Microeletrô-  
nica e Automação: A Indústria Au-  
tomobilística no Brasil”, Revista de  
Economia Política, 1986.

Dois textos publicados na Re-  
vista de Economia Política ilustram  
sua produção nos anos 90, sendo  
considerados por ele próprio en-  
tre os melhores do período – “Fle-  
xibilidade Dinâmica, Cooperação e  
Eficiência Econômica” (1994) e “As  
Transformações do Capitalismo  
Contemporâneo e sua Natureza na  
Análise de Marx” (em co-autoria  
com Luiz Augusto Faria, 1999).

Embora interessado pelas trans-  
formações mundiais do capitalis-  
mo, José Ricardo nunca deixou de  
estudar o Brasil. O título de seu li-  
vro – Para (Re)construir o Brasil  
Contemporâneo - publicado pela  
Contraponto, em 2001, é ilustrati-  
vo. Há, em sua produção, inúmer-  
os outros exemplos de projetos e  
propostas de transformação para a  
economia brasileira.

Nos últimos anos ele trabalha-  
va em temas da economia solidá-  
ria, enquanto uma alternativa para




o desenvolvimento  
do capitalismo no  
país. O artigo “Do

Socialismo de Mercado à Econo-  
mia Solidária”, publicado pela Re-  
vista de Economia Contemporâ-  
nea, em 2002, é um ótimo exemplo  
deste período. Por sinal, José Ricar-  
do foi o principal responsável pela  
escolha do nome da revista do Ins-  
tituto de Economia da UFRJ.

Dentro da UFRJ, José Ricardo  
teve uma carreira impecável. Além  
de seus cursos, muito apreciados  
pelos alunos, orientou inúmeras  
monografias de graduação, disser-  
tações de mestrado e teses de dou-  
torado. Participou dos vários con-  
selhos. Foi vice-diretor e diretor  
do Instituto de Economia.

Se uma palavra pudesse ser  
usada para qualificar o Tauile, es-  
sa poderia ser “vida”. Ele esbanjava  
alegria pela vida e vontade de vi-  
ver. Sempre defendeu suas idéias  
com vigor. Segundo alguns, até  
mesmo com certo exagero. Às ve-  
zes, se expunha demais com sua  
enorme franqueza. Lutou brava-  
mente contra a doença que o atin-  
giu no final de 2005. Acompanhei  
de perto sua luta nos últimos me-  
ses. Seu comportamento nesse pe-  
ríodo representou um verdadeiro  
ensinamento para o resto de mi-  
nha vida. Era um grande colega e  
para mim um amigo inesquecível.

Será muito difícil absorver  
sua perda. 

## “Entendemos seu recado, tio...”

Jorge Luiz Tauile

Tio, padrinho, segundo pai e um grande amigo. Não há como negar que estamos sofrendo com essa perda, mas acredito que nessas horas é que mais nos inspiramos para falar de uma pessoa amada.

José Ricardo foi, ou melhor, é um homem incrível. Um cara alto, forte e que dificilmente alguém imaginaria que alguma coisa o pudesse derrubar. Desde pequeno ouço meu pai (Jorge Tauile, irmão mais velho de José Ricardo Tauile), ao me chamar, confundir meu nome e dizer:

- O Zé, quer dizer, Jorge Luiz...

- Você é igual ao seu tio, não muda nada, não pára um minuto: acorda cedo vai pra faculdade, à praia, joga bola, quer ir no Maracanã ver o jogo do Fluminense, sai pra farra de noite e já está pensando no que vai fazer no dia seguinte.

Às vezes até perguntava ao meu tio “isso é errado?”. Na frente do meu pai ele falava que era para eu manejar, mas assim que ficávamos a sós, ele dizia:

- Aproveite a vida... Mas com moderação.

E soltava aquela gargalhada, com aquela voz forte e marcante. Realmente inesquecível! Portanto, não ficam dúvidas que uma das coisas que ele mais amava nessa vida era viver. E que a sua missão na terra era nos passar esta mensagem:

- Aproveite a vida, pois você nunca sabe quando vão tirar este dom de você.

Aonde quer que esteja, tio, ainda farei de tudo para lhe dar orgulho, pois sei que também era uma das coisas que mais o deixava feliz. Pode ter certeza que entendemos o seu recado e o transmitiremos a todos que pudermos. Um grande beijo e um abraço bem forte de seu sobrinho, afilhado, filho e além de tudo, um grande amigo.

## A humildade imensa de JR

Fabio Sá Earp - Professor de Economia.

Conheci Tauile há exatos 30 anos, ele como membro de uma banca de seleção e eu como candidato, na Coppe/UFRJ. No ano seguinte fui seu aluno e assistente de pesquisa, e, nos últimos 10 anos, compartilhamos uma sala no Instituto de Economia da UFRJ.

O que caracterizava JR (como eu o chamava) era a imensa humildade com que apresentava as questões que o preocupavam, questões essas que ele apresentava como muito mais importantes do que as respostas que lhes pudéssemos dar naquele momento. Era assim que instigava os alunos a irem além de onde ele tinha conseguido ir – e que fez dele um grande professor.

Outra coisa que gostaria de mencionar é sua cordialidade. Em raros momentos da vida concordamos quanto a algum ponto, e isso nunca afetou nossa amizade, mesmo quando ainda acreditávamos em partidos que mais tarde optaram por trajetórias desmoralizantes.



CED - CENTRO DE ESTUDOS  
PARA O DESENVOLVIMENTO

**Pensando o Brasil**

**Setor Elétrico  
Brasileiro**

# É hora de modernizar a Eletrobrás

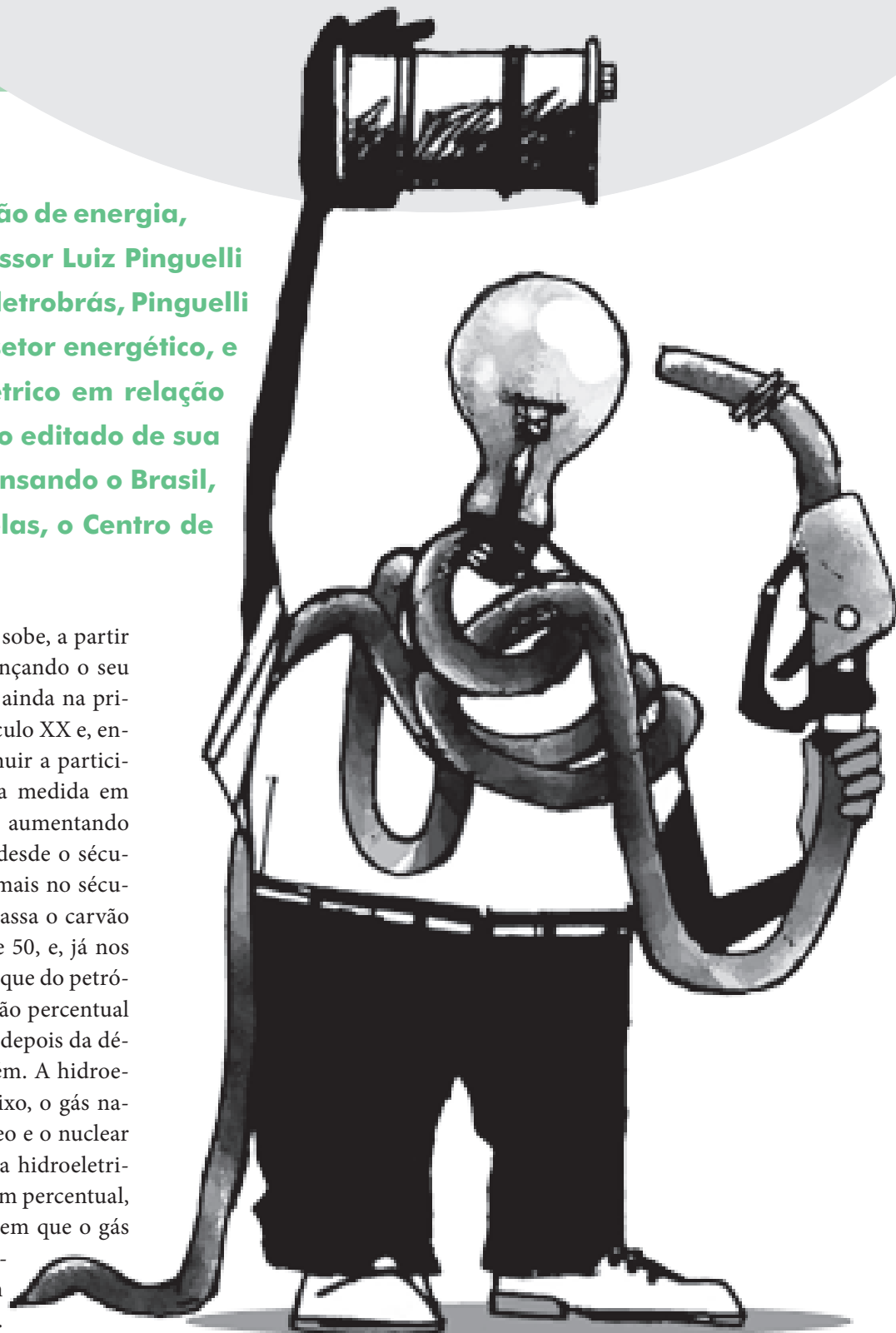
**A importância do setor elétrico na produção de energia, no Brasil, foi o foco da palestra do professor Luiz Pinguelli Rosa, da Coppe-UFRJ. Ex-presidente da Eletrobrás, Pinguelli mostrou vantagens e desvantagens, no setor energético, e as vantagens comparativas do setor elétrico em relação aos demais. O texto a seguir é um resumo editado de sua palestra, na ABI, durante o seminário Pensando o Brasil, promovido por várias entidades, entre elas, o Centro de Estudos para o Desenvolvimento, o CED.**

■ Luiz Pinguelli Rosa  
Físico e professor da Coppe-UFRJ

O setor elétrico no Brasil tem uma relação especial com o petróleo e com o gás natural. Na divisão do consumo de energia mundial, a importância que o petróleo tem é muito grande. Sabemos que o petróleo tem uma enorme participação ainda no mundo, o carvão também, embora o consumo dele, no Brasil, seja muito pequeno, mas no mundo, não. No mundo, o carvão é o segundo em importância, depois do gás natural. E uma das fontes de energia que na maior parte do mundo é pequena e, em outras, grande é a hidroeleticidade.

Na evolução do consumo mundial de energia, a biomassa vem caindo desde 1850, enquan-

to o carvão mineral sobe, a partir do século XIX, alcançando o seu máximo no mundo ainda na primeira metade do século XX e, então, começa a diminuir a participação percentual na medida em que o petróleo vai aumentando a sua participação, desde o século XIX, mas muito mais no século XX. Ele só ultrapassa o carvão depois da década de 50, e, já nos anos 70, existe o choque do petróleo e essa participação percentual fica estagnada, cai e depois da década de 80 se mantém. A hidroeleticidade vem abaixo, o gás natural segue o petróleo e o nuclear fica empatado com a hidroeleticidade, no mundo, em percentual, no mesmo período em que o gás natural está empatado com o carvão, em termos mundiais.





O primeiro, portanto, permanece sendo o petróleo e esse é o quadro mundial.

É interessante mostrar também as diferenças na América Latina. Ela tem 7% da população mundial, mas o consumo de energia dela é 4,7% do consumo mundial, o que mostra uma desigualdade no consumo. O pior ainda é se a gente mostrar o da África, pois ela tem um consumo de energia proporcionalmente menor. Já a produção de energia nuclear é, no mundo, 6,8% e, na América Latina, 0,8%; o que significa um reator no México, dois na Argentina e dois no Brasil, sendo que os do Brasil são os maiores.



### Energia: motor do mundo

O primeiro ponto importante é que há uma barreira hoje para a expansão da eletricidade do Brasil, devido a uma oposição ambiental muito forte e uma falta de vontade política do governo. Uma expansão hidroelétrica exigiria um setor estatal atuante na área elétrica, o que não existe. A Eletrobrás não opera como uma empresa com iniciativa; ela é uma empresa contida, subdividida em diretorias e estas são às vezes criadas, inclusive no Governo Lula, para acomodar mais um dirigente de certo partido. Ela não pode

receber recursos do BNDES, não pode ser majoritária em uma parceria, enfim, é essa a questão.

No caso específico do Brasil, as energias renováveis como a lenha, o álcool e derivados da cana têm ainda uma posição importante. É uma produção que ficou certo tempo estagnada, e que cresceu com o uso dos carros à gasolina ou a álcool. A produção de energia primária no Brasil, grande parcela de energia renovável, é diferente da maioria dos países do mundo e, ainda assim, é maior, mesmo levando em conta que uma parte da hidrelétrica de Itaipu, onde a metade é paraguaia, não é considerada produção interna. O Paraguai tem a metade, mas exporta para o Brasil quase toda a energia que é dele, em Itaipu.

Uma coisa importante: energia é o motor prioritário do mundo. Ou seja, até muito tempo atrás, a questão da energia era importantíssima e vamos lembrar que houve o choque do petróleo e depois ela se tornou um pouco esquecida, mas voltou a ser prioritária. Há várias questões colocadas. Uma delas é o crescimento da demanda da China. A China é hoje um fenômeno! Ela é objeto de amor e ódio do capitalismo. Amor por causa do mercado aberto, que retrocedeu do igualitarismo do sistema socialista, mas mantém um controle estatal muito forte. Há um plano nacional, um projeto nacional muito firme. Pode-se notar que os jornais sempre mordem e assopram a China, eles elogiam e logo em seguida criticam.

Vamos lembrar que, no fim da década de 90, o petróleo chegou a atingir US\$ 10 o barril, e, agora, está em US\$ 70. Houve uma escalada no preço do petróleo e vários fatores contribuem para isso. Os problemas do gás natural estão ligados ao petróleo porque o gás natural é uma indústria muito próxima do

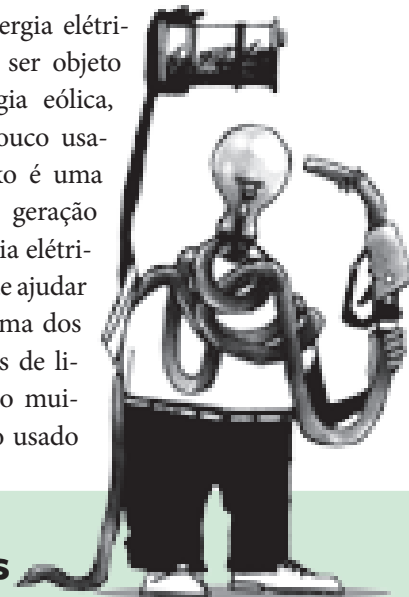
petróleo, e não se pode ter a ilusão de que o preço do gás natural pode ficar independente do preço do petróleo. Além das questões ambientais, que incluem o efeito estufa.

### O Brasil hídrico

A hidroeletricidade, que é a vocação natural do Brasil, está sendo abandonada por uma burrice nacional, que junta a esquerda e a direita, porque a hidrelétrica virou um demônio ecológico e então ninguém tem coragem mais de dizer que a hidroeletricidade ainda é um recurso de energia importante para o Brasil. Com a energia nuclear vem a discussão de Angra III, se ela vai ou não vai, e o Brasil tem uma oportunidade grande de usar as outras fontes de ener-

gia. Ele dispõe de muitas possibilidades: usa pouquíssimo o carvão, no Sul, e utiliza muito o diesel no Norte. Infelizmente, existe uma coisa chamada conta de combustíveis para subsidiar o uso do óleo na região Norte, e que custa R\$ 4 bilhões por ano ao país, e que poderia ser substituída por fontes alternativas.

A energia elétrica pode ser objeto da energia eólica, que é pouco usada; o lixo é uma fonte de geração de energia elétrica, e pode ajudar o problema dos depósitos de lixo, sendo muito pouco usado



### Modernizar a Eletrobrás

Nós, quanto ao petróleo, não temos reservas muito grandes e é questionado o país estar exportando o petróleo. Embora a Petrobras possa ser obrigada a exportar uma parte do petróleo pesado, para importar uma parcela do leve, não é desejável que se expanda muito essa exportação, em nome de uma estratégia de o Brasil ganhar com isso. Eu acho perigoso porque a situação do petróleo é crítica no mundo todo e em um futuro próximo. É preciso repensar o papel das hidrelétricas, que está sendo abandonado. Existe uma crise de gás natural que não tem nada a ver com a crise na Bolívia. O gás natural é um objeto de muita discussão, hoje há problemas para expandir a oferta de gás natural, seguindo a demanda que cresceu muito. Daí a importância de importação da Bolívia.

E no último leilão de energia é importante observar que a participação das hidrelétricas foi muito menor do que se esperava. Isso abriu um espaço maior para o gás natural, de uma forma confusa porque hoje se usa o gás natural para geração elétrica sem ter o gás natural para produzir. Isso é muito pouco debatido. Houve uma reação em cadeia em função da nacionalização do petróleo da Bolívia, discutido em seminário da Coppe, e achamos que a ação do governo foi correta ao usar prudência diplomática, em vez de uma agressividade que foi muito aconselhada pela imprensa, majoritariamente. O problema grande é o gás natural; aí sim o gás natural nós precisamos dele e quando a Petrobras foi para a

no Brasil por falta de políticas públicas. Pode-se ver por aqui, no Rio de Janeiro, com o debate sobre onde se colocar o lixo. O lixo pode não ser um problema e sim uma solução, gerando energia elétrica. O bagaço de cana é muito usado pelas próprias usinas de álcool para gerar energia elétrica, mas poderia ser muito mais usado porque ainda há muita ineficiência. Se tiver uma política adequada, o bagaço tem potencial energético muito alto perto do que está sendo usado hoje.

Todas as fontes citadas, com exceção da nuclear, emitem gases de efeito estufa que aquecem o planeta e que hoje são objetos de grande preocupação. A energia nuclear, repito, não é responsável pelo efeito estufa. Outras fontes não emitem gases de efeito estufa, com ex-


ceção da hidroelétrica, que emite esses gases, embora muito menos que uma termoelétrica equivalente. O trabalho que faço na Coppe é o estudo das emissões hidroelétricas. Esse assunto ainda é novo, pois, oficialmente, não se emite nada, ainda não está contabilizado nos relatórios da conferência das Nações Unidas, dedicada ao problema do efeito estufa.

Mas temos que falar de petróleo para falar de energia elétrica. Como disse antes, o alto preço internacional e a previsão do declínio da produção mundial é um ponto. A instabilidade da política mundial, como o bombardeio de

Israel ao Líbano, a invasão do Iraque, tudo isso mostra um mundo muito desequilibrado; o terrorismo, a polêmica do enriquecimento de urânio pelo Irã, os mísseis da Coreia do Norte etc.

Nós temos auto-suficiência de consumo conquistada graças à Petrobras, mas falta uma estratégia de longo prazo. As reservas de petróleo do Brasil são modestas, comparadas até com as dos EUA, só que os EUA têm um consumo monstruoso; mas principalmente comparadas com as do México e da Venezuela, que são grandes produtores de petróleo. Há previsão de declínio do petróleo, ten-

dência de baixa da produção, o que é uma preocupação.

A alta do preço do petróleo não vai ter o mesmo impacto da década de 70, porque o petróleo diminuiu sua importância na economia mundial – aproximadamente a metade hoje do que era, mas mesmo assim vai ter um impacto e não há dúvida disso. Esse impacto vai se refletir, com certeza, aqui no Brasil, e já está se refletindo com o gás natural. A crise do gás natural não é apenas um produto das decisões políticas do governo boliviano. A Ucrânia com a Europa tem uma crise de gás natural há muito tempo. O gás natural está sendo objeto de outras crises, porque se dispara o preço do petróleo há uma tendência de disputa pelo gás natural. 



Bolívia, ela implantou campos de produção de gás, com o gasoduto, para exportar para o Brasil.

Alguns números sobre o gás natural, sem incluir a geração termoelétrica, considerando mais ou menos a metade o que se importa da Bolívia e a outra metade de produção nacional. São Paulo é o maior consumidor: 75% do gás vem da Bolívia e grande parte vai para a indústria. Antes da crise boliviana, a

Petrobras já sabia que era necessário importar gás natural liquefeito, que é transportado por navios, pois já se sabia que não havia gás natural suficiente para as termoelétricas. Portanto, a crise do gás natural existia antes da questão da Bolívia.

Há várias alternativas ao gás natural e a mais importante é o aumento da produção nacional, que é o que o governo está anunciando. A outra é a importação do gás natural liquefeito. E uma coisa puxa a outra. Você pode importar por uma questão estratégica, por algum tempo, independentemente de expandir a produção nacional. As questões ambientais: o abandono da hidroeletricidade e o risco de faltar energia, que já aconteceu no Brasil. Se tivermos problemas de chuvas, teremos problemas de energia elétrica. Falta planejamento para as termoelétricas.

As privatizações não resolveram o problema da expansão da geração. Isso é uma discussão que já foi muito feita, inclusive na campanha eleitoral do presidente Lula, em 2002, e naquele momento o candidato Lula colocou essa questão. O novo modelo do Governo Lula interrompeu as privatizações, o que

foi bom. E criou uma empresa de planejamento, a EPE (Empresa de Pesquisas Energéticas), o que também foi bom. Mas só isso não basta.

Deve-se modernizar a Eletrobrás assim como ocorre com a Petrobras, que é uma empresa dinâmica, tanto que liderou a auto-suficiência em petróleo, e é ela que enfrenta o problema do gás natural e não os grupos estrangeiros. Há indefinição de grandes projetos, em particular Belmonte e Rio Madeira, duas grandes hidrelétricas, e não se entendem sobre o que deve ser feito. O governo tem que se entender. Ainda estamos longe de uma definição. Falta uma estratégia política de energia. Precisamos investir em hidrelétricas, definir melhor o papel do gás natural, da biomassa, criar políticas para o aproveitamento de energias renováveis como o lixo e o bagaço de cana e dinamizar a Eletrobrás.

Entrevista Emir Sader - professor

# Para onde vai Lula?

O que ficou em Lula, dos discursos da campanha do segundo turno, agora, quando volta ao Palácio do Planalto? Esta é a questão proposta pelo professor e cientista político Emir Sader, nesta segunda parte de sua entrevista ao JE. Ele está recorrendo, judicialmente, da condenação que sofreu da Justiça de São Paulo, por ter escrito artigo apontando como racista o senador Jorge Bornhausen, do PFL de Santa Catarina, por um discurso que fez, no Congresso. Sader fala sobre as grandes massas que elegeram Lula e que vivem nos bolsões de pobreza, e indaga: quem vai organizá-las? E aponta a necessidade de refundar o Estado brasileiro, desta vez, em bases públicas.

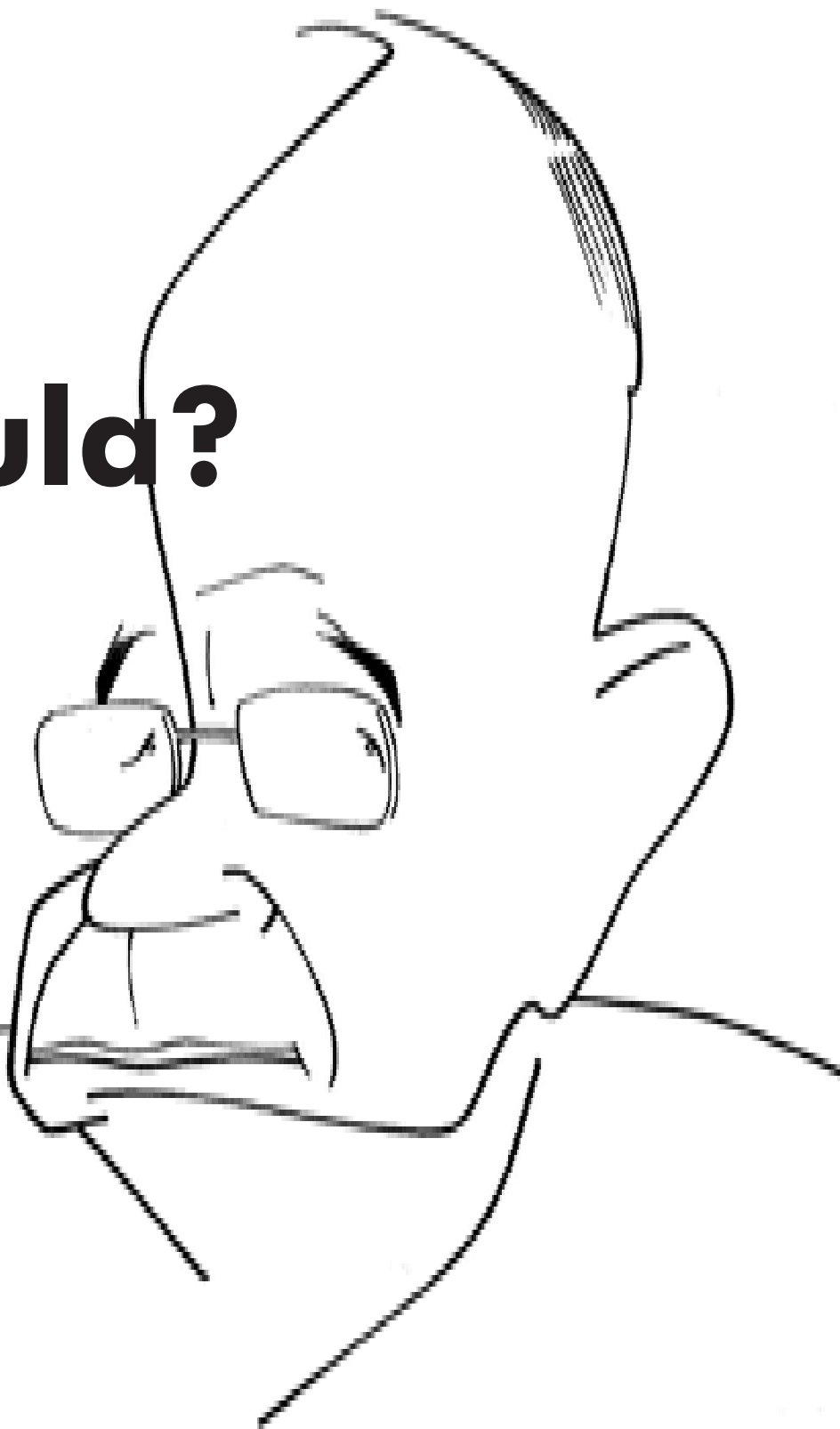
**JE** – Devido à importância que tiveram, especialmente, no segundo turno, você acha que os movimentos sociais poderão mudar o tom de cobrança em relação ao Governo Lula ou permanecerá uma postura compreensiva?

**Sader** – Os movimentos sociais não foram, assim, tão compreensivos com o primeiro mandato. Houve uma distância, desde a reforma da Previdência, com a quebra de confiança e da credibilidade, muito forte. Pode-se dizer que a CUT bateu na política econômica, enquanto outros batiam muito mais, em vários elementos, como os transgênicos e uma série de erros da política econômica...

**JE** – Mas nunca retiraram o apoio ao Governo Lula...?

**Sader** – Não, mas no primeiro turno muita gente não declarou apoio. 80% deles lutaram, mas nem todos. A igreja é um bom exemplo, ou o MST. Pela primeira vez, chegamos a uma circunstância como esta. MST e Igreja são aliados históricos do PT e, ao não darem apoio declarado no primeiro turno, mostraram sintomas deste distanciamento. Acho que quem está na luta social percebe a diferença. Ideologicamente, se pode achar que é a mesma coisa, mas quem está lá sabe que não é, houve muito mais apoio às cooperativas, à agricultura familiar...

**JE** – Mas isso não cumpre mais o papel de neutralizar ou mesmo cooptar os movimentos?



**Sader** – Não, acho que é matéria de distribuição de renda, sem maior preocupação de cooptação, porque muitos já têm estruturas próprias. Acho que o mais importante são os bens sociais do Bolsa Família, da eletrificação rural, que é a massa que deu a vitória a Lula. Esses programas não organizam e nem o PT ou qualquer movimento social está em condições de chegar lá e organizá-los. **Acho que este é o grande desafio da esquerda, refundar ou não refundar, e não é só**

**refundar, ideologicamente; é mudar a composição social da esquerda. A massa que votou no Lula e demonstrou uma adesão e uma diferenciação em relação aos governos da direita, a esquerda vai ter capacidade de organizá-la, de ajudá-la a encontrar uma expressão política própria?** Na Venezuela, as políticas sociais dão certa capacidade de organização. Claro que num patamar muito mais baixo,



mas até que têm uma presença grande na periferia, os médicos vão lá, outras pessoas vão, não é só distribuir, ou dar um cartão, um cartão não organiza nada. Até porque lá é um país menor, tem mais possibilidades concretas. O Chávez projeta “Tempos Modernos”, do Chaplin, nas fábricas e aponta “olha aqui, como estão explorando”... Acho que isso a esquerda não tem, foi uma vitória das políticas sociais do governo e, complementarmente, da mídia alternativa, que, de alguma maneira, neutralizou um pouco o monopólio. Claro que não teve esta audiência toda, mas ajudou, porque na verdade o voto que ganhou não foi de militância, claro que ajudou, mas foi o voto do povo, que nem sabe o que é internet. **Este voto social mostra que o país está socialmente em condições de se organizar como esquerda. Esta massa, pela primeira vez, em muito tempo, vota à esquerda.** Aqui a massa vota nas políticas sociais do governo, que não são organizadoras.

*JE – E quem organiza esta massa, já que o PT está distante?*

**Sader** – Não sei se o Partido pode organizar centenas de milhares de pessoas. Os Partidos têm estruturas que podem dar a direção política, ideológica. Tem que ser os movimentos sociais quem organiza, ajuda na criação de instâncias, comitês que dêem viabilidade a isso. Tem um círculo de formação de opinião, no sentido restrito da palavra, que é dominado pelo monopólio privado. Quando vem o período eleitoral ele se abre para a participação popular, em geral, só que esta participação tende a refluir, ela não tem uma prática constante, uma maneira de estar se expressando a todo o momento. Então, tende agora a voltar o cerco institucional, midiático, sobre o governo,

se não houver uma maneira de organização, de impulsionar uma organização de base dessa massa, e que acho que não é o PT. O PT pode ou deveria propor formas, mas não é o Partido quem vai organizar os pobres, os 80% da Bahia, 70% de Pernambuco, que agora votaram no Lula e que são socialmente expressivos, têm uma composição social muito clara: pobre, proletária, subproletária, miserável, despossuída, discriminada... Falta isso, falta o discurso para esta gente. Não ser só o discurso eleitoral, mas o discurso da auto-organização.

*JE – Mas existe esta possibilidade sem um novo modelo de crescimento, de inclusão, de desenvolvimento, de fato?*

**Sader** – Acho que nem é tanto isso, quanto é um problema ideológico. Tem que ter um discurso e este discurso tem que propor formas. Não sei se a economia solidária pode dar conta disso. Ela pode ser um elemento, intercâmbio econômico local, é algo a ser construído porque a ideologia é reproduzida no cotidiano, que é o cotidiano da televisão, do *outdoor*, das lojas...

*JE – Mas o Bolsa Família não pode se tornar um instrumento de grande repercussão e justamente fazer com que essas massas dêem o seu apoio político eleitoral a um modelo que é dos ricos, dos exportadores, do sistema financeiro?*

**Sader** – Acho que por mais que o carisma do Lula funcione, é um carisma calçado em políticas sociais reais. Não é um Collor, não é um Luiz Bonaparte, que fez uma política contra os camponeses e ao mesmo tempo conseguiu o apoio dos camponeses através do discurso, por meio da linguagem. Tem elementos disso, pois é um cara do Nordeste, que era pobre e chegou lá...



*JE – Mas que perspectivas você enxerga em termos de alternativa para aqueles movimen-*

*tos que querem uma nova ordem?*

**Sader** – A situação dos partidos é muito difícil porque acho que são dois pólos radicais do espectro. O PT passou, no início, a idéia de que o Lula seria uma carga na campanha eleitoral; depois, ao contrário, o PT viu que iria pegar uma carona nele porque ele é o *band leader*.

**O PT está numa dependência do Lula, brutal. E o PSol entrou numa lógica desvairada, de equidistância. Então, os dois estão numa lógica muito perto...**

Um, numa lógica de dependência radical do Lula, do lulismo, e pode ser que pegue, aí, o caudal do lulismo e consiga se renovar em termos sociais. E o PSol perdeu a oportunidade de ser uma política de esquerda aliada, e se distanciou, ficou de fora, e ficou de fora não só do segundo turno, mas do quadro político colocado hoje, que é um quadro que tem um bloco à esquerda, moderadíssimo, e uma direita radicalizada. Então, acho que os dois não estão qualificados para, hoje em dia, ser uma referência para o movimento social e ter uma postura de esquerda crítica. Não vamos dizer que é tudo a mesma coisa, pois não é mesmo, mas é um governo que não sai do modelo neoliberal. Os movimentos sociais poderiam dar um toque aos partidos neste sentido.

*JE – E dentro do PT você não vê a possibilidade de surgir alguma alternativa?*

**Sader** – O PT está tão enfraquecido, que é mais importante ter uma localização estratégica dentro do governo do que na luta interna do PT. Não vejo capacidade de hegemonia de uma aliança interna, no PT, que hoje pudesse dar um revigoramento ao Partido. Acho que ele

vai estar meio neutralizado, durante um tempo. O congresso de agora é um tanto precipitado, digamos assim. É verdade que é indispensável fazer, pois o PT chegou a um ponto em que é preciso um congresso. Mas um congresso não se faz assim, não se amadurece interpretações alternativas em tão pouco tempo. O congresso é uma disputa de tendências, como tem sido, enfrentamento de concepções muito diferenciadas. Vai ser um ajuste de contas, mas sempre o PT sai revigorado. Primeiro, fazer um balanço do que foram seus erros; segundo, **fazer um balanço do que mudou no país, para saber onde é que está este povo; crianças e jovens da periferia das grandes metrópoles: quem são, o que fazem, quais as práticas cotidianas, quais as expectativas, como se pode apoiá-los para se auto-organizar, nessa megacidade,** de 20 milhões de habitantes, que é São Paulo, que é México, mas também é Lagos, é Teerã, que é uma massa informalizada, que socializa o islamismo, ou o evangelismo, ou na prática de rua, ou no narcotráfico, ou no hip-hop e que não está em nenhuma de nossas instâncias, aqui. Não está na universidade, não está nas escolas, não está em nada, é um outro universo e se a gente não chegar lá acho que as coisas não terão chance de se renovar, de se beber nesta dinâmica social, que continua a ser a que mais despontou. Todo mundo trabalha, só que não tem o elo da socialização pelos sindicatos, que levava consciência como forças sociais. Como é que se faz isso? Senão, todo mundo vai ficar gastando energias o tempo todo, roubando, tocando música

numa igreja, mas não se constituindo em força política. É uma ilusão achar que isso vai dar em explosão social, não vai. Explosão social é esta, da ingovernabilidade, da falência dos governos, das políticas públicas, nessas áreas majoritárias em que não há a presença do setor público.

**Acho que amadurecimento só com a compreensão das transformações sociais. E acho que o tema central hoje é o fortalecimento da esfera pública, a refundação do Estado através da esfera pública.** O neoliberalismo polarizou através do estatal versus privado, o estatal desqualificado, tudo que é ruim, ineficiente, corrompido, burocrático, que cobra imposto, e o privado é o que eles se apropriaram. Na verdade, o pólo deles é o mercantil, mercantilização, e o nosso pólo é público. O Estado é um espaço de disputa entre o público e o mercantil. Tem que fortalecer as esferas públicas, universalização de políticas sociais, criar uma concepção do que é um pólo ao neoliberalismo, que é a refundação do Estado na base da esfera pública. **O socialismo no fundo é a universalização da esfera pública. Temos que criar uma concepção para que se possa refundar um partido, ou uma esquerda, como é que se combina estas coisas numa concepção anti-neoliberal e pós-neoliberal.**

*JE – A mídia, nestas eleições, foi questionada como nunca se vira antes. Como avalia a mídia, após as eleições?*

**Sader** – Primeiro, eu acho que ela, como foi no golpe de 64, é o partido da direita. Os partidos a instrumentalizaram, são eles que dão a pauta,

que organizam. O PMDB não serve mais, joga fora. Os partidos ficam esperando a edição da *Veja* para saber onde bater. Em segundo lugar, tiveram uma derrota grave. O Mino Carta tem dito que está acontecendo alguma coisa de profundo no país, que não estamos se dando conta e que

o Lula, sem querer, desatou. E a elite faz uma avaliação catastrófica, perdeu o controle dos bolsões de formação da opinião pública, ficou com os bolsões dos ricos, só. Então, o pânico de que não possam dizer mais “é chiclete, é chiclete”, “é ovo, é ovo”. Acho que não é bem assim, mas na cabeça deles, que sempre puderam dar a pauta, agora é isso. E, em terceiro, a importância desproporcional que teve a internet é porque tem um vazio para ser preenchido, que é pequeno, mas que tecnologicamente nos convém, porque a rapidez nos favorece e a gente disputa quase com eles. Porque até agora tivemos poucas possibilidades de reversão nas vantagens tecnológicas. O único grande gol que fizemos em relação às vantagens tecnológicas é o *software* livre. E é uma vergonha que a gente não universalize. Esta é uma bola nas costas porque ferramos eles com as armas deles, no campo deles, e que é uma coisa extraordinária, muito melhor do que esse desespero que é o modelo deles, a Microsoft. A internet pode ter este papel, de reverter as coisas a nosso favor, e desempenhou na prática um pouco disso. Mas claro que a *Carta Capital* foi muito importante, ela potencializou coisas, então, é claro que funcionou. Mas funcionou porque a onda estava a favor, porque se fosse uma onda contra não tinha como ser diferente. Se o Lula não tivesse batendo um bolão, como acabou sendo, foi uma surpresa. Os caras achavam que o discurso do Lula era um discurso horrível, a pior coisa do gover-

no era o Lula, com discurso desmobilizador, tipo “espera o fim do jogo”, “não me julguem agora”, “apressado come cru”, todas as coisas assim, de desmobilização e, de repente, surpreendeu, acabou capitalizando coisas que eles nem imaginavam.

*JE – Você citou como positivas algumas iniciativas na área cultural, e uma coisa muito polêmica foi a discussão sobre o conteúdo do que é veiculado pelos meios de comunicação. O projeto sofreu críticas e acabou retirado de pauta. Você acha que pode voltar?*


**Sader** – Acho muito difícil. Vejo que a reação positiva de Lula frente à crise boliviana foi a primeira grande questão que eu me lembre em que a mídia bateu e Lula não retrocedeu. Toda regulamentação, em toda iniciativa governamental positiva o lobby batia à frente e o governo voltava atrás. A política cultural teve isso também, a política da mídia... Acho que esse é um teste. O Lula está cuspidando sangue quanto à imprensa, não diria perigosamente, porque é saudável, mas a questão é o que pode ficar disso...

*JE – Mas a mídia continua batendo, Globo, Folha, Estadão, JB, todos os dias...*

**Sader** – Mas ela agora está um pouco sem discurso. Agora está o discurso tradicional deles, a do gasto total do Estado, isso continua. Mesmo a questão do tráfego aéreo, a gente sabe que é passageiro, não é assim uma coisa articulada. Mas claro que isto mostra disposição. E acho que pegar um caso como este do processo e, unanimemente, todo mundo falar não, não pode ser condenado, isso é secundário. O fundamental (para a mídia) é que os repórteres da *Veja* sendo chamados para testemunhar é visto como uma violência... O governo não criou mídia alternativa. Pode dosar publicidade, mas é muito di-

fícil. A formação da opinião pública, no sentido cotidiano da palavra, continua exatamente a mesma. **Na verdade, o Lula teve um banho de povo e, agora, quando ele volta para o palácio é que é preciso ver. O Lula, no primeiro turno, fez uma campanha frio, esperou o resultado em Brasília. No segundo, ele foi para o ABC.** Então, agora é que é preciso ver o que ficou. Se ele quase perdeu, quem foi que botou ele lá, se foi a esquerda, se foi o povo...

*JE – Nessa discussão sobre o pacote para o crescimento, não lhe parece que está ocorrendo um enfraquecimento do ministro Guido Mantega?*

**Sader** – Bem, a primeira batalha, agora, é manter o Guido. Havia uma aliança e a direita política foi deslocada pelo PT, e sempre bateu no PT porque está deslocada. A direita conviveu, até porque é a ponte de ouro do Palocci, um ótimo fórum de convívios. Quando o Palocci saiu, aí acho que ajudou a fortalecer esta linha opositora. Porque saiu o Palocci, e em todos os ministérios em que houve troca de nomes – saiu o Zé Dirceu, mas entrou a Dilma, mas saiu o Palocci e entrou o Guido Mantega, que sempre se confrontava com a política econômica. Podia ter colocado o Paulo Bernardo, que é do PT... Teve algum significado. Foi uma circunstância em que não foi o Palocci quem indicou o sucessor, e ele é um quadro orgânico do país, expressa o empresariado paulista, fortemente. Teve alguma coisa ali que mexeu, não sei se foi a Dilma, não sei. A verdade é que ali foi uma virada importante, mas só que isto não configurou mudança de uma política econômica alternativa, até porque estava em fim de mandato. 

# As deficiências da indústria de bens de capital

## Os resultados observados

O artigo a seguir é um resumo da monografia “Padrão de especialização da indústria de bens de capital brasileira após a abertura comercial”, segunda colocada no Prêmio de Monografia Celso Furtado, edição 2006, promovido pelo Corecon-RJ.

Juliana Bastos  
Economista

O escopo desse artigo consiste no estudo da evolução do padrão de comércio da indústria de bens de capital, após a abertura econômica na década de

trutura produtiva de um país. Ao ser responsável pelo fornecimento de máquinas e equipamentos que serão utilizados pelas outras indústrias pode tornar-se tanto o “motor” da atividade econômica, promovendo o desenvolvimento, quanto um “significativo” gargalo produtivo. Essa atuação também faz com que assuma o papel de difusor de tecnologia entre os diferentes setores industriais, melhorando a produtividade e a competitividade nacionais.

Em um contexto de globalização e de liberalização econômica, a análise do padrão de especialização das pautas de comércio torna-se fundamental, haja vista a influência desses fluxos na trajetória de crescimento de uma nação. Uma concentração em bens de menor

O enfoque da especialização no conteúdo tecnológico, por sua vez, foi escolhido devido à crescente importância das inovações na competitividade e no crescimento econômico. As mudanças na tecnologia – realizadas por investimentos em máquinas e equipamentos, qualificação da mão-de-obra e aprendizado – são fundamentais a um posicionamento mais “sólido” do país no comércio internacional, evitando a deterioração dos termos de troca e uma maior vulnerabilidade decorrente de volatilidade dos preços.

Uma vez que a indústria de bens de capital responde pela difusão de novos conhecimentos e técnicas, sua especialização na produção e no comércio direcionada a um maior conteúdo tecnológico indica a existência de uma indústria em geral mais moderna e representativa no cenário internacional.

### Metodologia utilizada

O estudo empírico realizado desenvolveu indicadores de comércio internacional e de composição industrial para os períodos de 1996 a junho de 2005, e de 1996 a 2003, respectivamente. Foram calculados: i) indicadores com base nas exportações e importações – dinâmica do comércio externo,

1990, considerando conteúdo tecnológico dos produtos, característica de grande importância na competitividade internacional.

O estudo da indústria de bens de capital justifica-se pela sua importância estratégica para a es-

produtividade leva, no longo prazo, a uma deterioração nos termos de troca, o que pode gerar restrição de divisas, impedindo o *catching up* dos países em desenvolvimento.





participações relativas, coeficiente de especialização e índice de Grubel e Lloyd; ii) indicadores com base nas exportações, importações e produção – evolução do valor bruto da produção, consumo aparente, coeficiente de exportação e de importação, coeficiente de abertura e coeficiente de penetração; e iii) indicadores de transformação industrial – evolução do valor de transformação e participação relativa de seus componentes.

As fontes de dados utilizadas foram a Secretaria de Comércio Exterior (Secex) e o IBGE, sendo o agrupamento por intensidade tecnológica efetuado de acordo com a taxonomia da OECD, com base na *International Standard Industrial Classification* (ISIC-Rev.3), resultando na seguinte amostra: i) Maior Itec: 1) bens para uso médico-hospitalar, científico e para laboratórios (MH); 2) bens dedicados à automação industrial e ao controle do processo produtivo (CP); 3) bens eletrônicos, para computação e comunicação (EC) e ii) Menor Itec: 4) bens para geração de energia elétrica (EE); 5) bens tipicamente industriais (TI); e 6) máquinas-ferramentas (MF), a qual serviu de base para geração dos indicadores.

### Impactos da abertura comercial na IBK:

De uma forma geral, podemos destacar algumas características do setor de bens de capital nacional, através de uma análise simplificada de SWOTs<sup>1</sup>, a qual, segundo a Finep (2004, p. 8), ressaltava, como principais pontos fortes: i) a disponibilidade de aço e mão-de-obra a preços competi-

tivos; ii) o amplo mercado disponível na América do Sul; iii) a tecnologia e tradição na produção de bens de capital mecânicos de menor valor agregado; e iv) a utilização como ponte por empresas estrangeiras para vendas.

Em contrapartida, as principais fragilidades destacadas: i) as pequenas taxas de crescimento e instabilidade econômica, que deprimem os investimentos; ii) a competitividade dos produtos importados – pela tecnologia, custos de produção mais baixos e melhores condições de financiamento; iii) a elevada carga tributária; e iv) as deficiências estrutu-

rais da cadeia: baixo investimento em P&D, pequena escala, parque de fornecedores de eletrônicos pouco desenvolvido e capacidade de serviços pós-venda limitada, especialmente para o mercado externo.

Os fatores supracitados são fundamentais à compreensão dos impactos da liberalização comercial na cadeia de bens de capital nacional. O processo de abertura, iniciado no fim dos anos 80 e maximizado no Plano Real, gerou efeitos em toda estrutura produtiva do país. O câmbio artificialmente apreciado (até 1999) levou a uma invasão de importações, deteriorando os saldos comerciais.

Especificamente para a indústria de bens de capital, a maior concorrência externa levou à reestruturação do setor, amenizando alguns dos problemas decorrentes da estrutura adotada pelo modelo de substituição de importações, determinante de sua criação no Brasil. A organização excessivamente verticalizada e a linha de produtos muito diversificada foram alteradas de forma a promover os ganhos de escala e de especialização, visando ampliar a competitividade da produção nacional.

Foi também observada a introdução de novas técnicas de organização/controlado dos processos. Por exemplo, enquanto os fornecedores do setor de telecomunicações expandiram sua capacidade, a manufatura de computadores caracterizou-se por internacionalização de sua propriedade, aumento do conteúdo importado e pela implementação de novos métodos de gestão da produção, que levaram a uma queda nos níveis de emprego [Ferraz e Kupfer, 2002, p. 53].

Segundo Kupfer (1996, p. 8), a opção por mudanças de *lay-out*, otimização de tempos e eliminação de gargalos produtivos deveu-se aos seus retornos de curto prazo e à exigência de menor volume de capital, quando comparada aos investimentos em equipamentos. Essa dinâmica, contudo, não impediu o incremento das importações de máquinas e equipamentos e de peças e componentes, bem como do conteúdo importado dos bens produzidos, característica marcante no período após a abertura.

### Os resultados observados

No setor de bens de capital brasileiro, destacam-se como principais produtos de menor conteúdo tecnológico os bens tipicamente industriais (TI), os quais perfaziam, em 2003, 61,2% do total do valor bruto da produção de bens de capital. Por outro lado, nos produtos de maior tecnologia, ressaltase a participação dos equipamentos eletrônicos, para computação e comunicação (EC), que respondiam, no mesmo ano, por 17,5% do valor total.

De uma forma geral, no período 1996-2003, a indústria apresentou queda no nível de atividade, com uma redução de US\$ 4,6 bilhões no valor de transformação, acompanhando o desaquecimento da economia nacional: nesses anos, o consumo aparente de bens de capital variou de US\$ 29,2 bilhões a US\$ 20,5 bilhões. Essa redução de demanda reverteu-se em uma queda, em termos absolutos, das importações – de US\$ 11,9 bilhões, em 1996, a US\$ 10,6 bilhões, em 2003 – que aliada a uma expansão exportadora, de US\$ 1,7 bilhões, promoveu uma melhora nos resultados comerciais, reduzindo o déficit característico do setor a US\$ 3,9 bilhões, em 2004, uma variação de cerca de 47,3% sobre os valores correntes.

Observando a participação relativa dos grupos selecionados nas exportações, importações e no valor bruto de produção, percebe-se que os bens menos intensivos em tecnologia, sempre suplantam o grupo mais intensivo, independentemente do ano considerado. De fato, ao se avaliar os coeficientes de especialização, que apresentaram tendência de crescimento devido à desvalorização cambial, verificou-se os maiores resultados







lhora qualitativa decorrente da reestruturação.

A pauta de importação, por sua vez, também é dominada pelos bens de menor sofisticação: em 2003, sua participação relativa alcançou 71,3%, caindo a 68,2% no ano seguinte. Contudo, considerando o maior hiato entre compras e vendas externas comprovado pelos coeficientes de especialização, o grupo Maior Itec passou a responder, a partir de 2003, por 75,3% do déficit comercial da IBK, apesar da expressiva redução em seus valores absolutos: de US\$ 3,6 bilhões, em 1996, a US\$ 2,3 bilhões, em 2003.

Confirmando os resultados anteriores, com relação ao coeficiente de abertura, apesar de ambos os grupos apresentarem tendência de crescimento, os produtos de menor intensidade tecnológica lideraram os resultados de forma permanente, atingindo 109,6%, em 2003. Essa supremacia indica, mais uma vez, a reduzida competitividade dos produtos mais sofisticados, verificada pela maior orientação importadora do grupo: em 2003, seu coeficiente de importação, de 74,1%, era muito superior ao de exportação, 17,9%.


Demonstrando a retomada do caráter de complementariedade

das importações de bens de capital, o coeficiente de importação, após concluída a reestruturação do setor, voltou a estabilizar-se, crescendo moderadamente em torno da média de 62,6%. Analisando a relação entre o consumo aparente e o total importado, o índice de penetração, verificou-se uma moderada expansão do *share* dos produtos importados no mercado local, em torno de 11,1 pontos percentuais, decorrente de uma maior queda, em termos percentuais, da demanda local.

### Conclusões

Com base nos resultados supracitados, conclui-se que a indústria de bens de capital brasileira consiste em um importador líquido de produtos de maior sofisticação, exportando bens de menor tecnologia, dada a imaturidade de seu desenvolvimento tecnológico, a qual não lhe permite competir no mercado internacional. Além disso, uma produção de bens de capital de pouca sofisticação retarda a modernização dos demais segmentos produtivos, com um efeito de *spillover* de menor qualidade inovativa, resultando, em geral, em um desenvolvimento econômico mais lento.

Apesar das melhorias promovidas pela reestruturação – participação crescente dos bens de maior sofisticação no valor de transformação industrial, e, principalmente, nas exportações, mesmo que diminuta – a estrutura produtiva de bens de capital no país ainda apresenta deficiências características do processo de industrialização retardatária: escala de produção reduzida, excessiva verticalização, capacidade técnica limitada com relação à engenharia de produto e de processos, baixo nível de automação e capacidade de gestão de vendas e serviços pós-venda limitada, fatores determinantes de sua posição no cenário internacional.

Diante do cenário de encolhimento do parque industrial e de perda de competitividade, decorrente da abertura comercial, faz-se necessária a adoção de políticas mais específicas à indústria de bens de capital, com o objetivo de eliminar os entraves à obtenção de um crescimento econômico vigoroso e permanente, a médio e longo prazo, sonho de todos nós, economistas brasileiros. 

1 Strengths, weakness, opportunities and threats.

dentre os bens de menor sofisticação, que chegam a atingir 88,5%, em 2004. Esse resultado demonstra a importância da taxa de câmbio para o comércio de uma indústria concentrada em bens de menor tecnologia, cuja concorrência ocorre, predominantemente, segundo o fator preço. Por sua vez, os produtos de maior intensidade tecnológica, responsáveis por apenas 11,6% das exportações, no mesmo ano, também se expandiram, ainda demonstrando a me-

### Bibliografia

- AVELLAR, A., Relatório Setorial Preliminar. Financiadora de Estudos e Projetos – FINEP. Setor Bens de Capital, p. 1-12, dezembro 2004. Disponível em: [http://www.finep.gov.br/PortalDPP/relatorio\\_setorial](http://www.finep.gov.br/PortalDPP/relatorio_setorial) Acesso em julho 2005.
- FERRAZ, J.; KUPFER, D.; HAGUENAUER, L.; Made in Brazil: desafios competitivos para a indústria brasileira. Editora Campus, Rio de Janeiro, p. 1, 8 e 17, 1996.
- FERRAZ, J.; KUPFER, D.; IOOTY, M.; Made in Brazil: industrial competitiveness 10 years after economic liberalisation., n Brasil. L.A.S. Series no. 4. IDE-JETRO. RJ. p. 50-53, 2002.
- FUNDAÇÃO INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Classificação Nacional de Atividades Econômicas, Versão 1.0. CNAE 1.0. Rio de Janeiro, IBGE, 2003. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br>. Acesso em julho 2005.
- FUNDAÇÃO INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Lista de Produtos da Indústria. PRODLIST. Rio de Janeiro, IBGE, 2003. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br>. Acesso em agosto 2005.
- FUNDAÇÃO INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Pesquisa Industrial 1996-2003- Empresa. PIA-EMPRESA. Rio de Janeiro, IBGE, 2000. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br>. Acesso em agosto 2005.
- OECD. International trade by tec nº 2, hological intensity. STI Scoreboard, p. 146-147, 2003. Disponível em: <http://www.oecd.org> Acesso em agosto 2005.
- OECD. Stan Indicators 1980-2001. Directorate for Science, Technology and Industry, p. 6, 8-10, 12-15, 28-30, 2003. Disponível em: <http://www.oecd.org/dataoecd/60/23/21575541.pdf> Acesso em julho 2005.
- SISTEMA DE ANÁLISE DAS INFORMAÇÕES DE COMÉRCIO EXTERIOR VIA INTERNET (ALICEweb). Disponível em: <http://www.aliceweb.desenvolvimento.gov.br> Acesso em julho 2005.
- UNCTAD. International Standard Industrial Classification. Disponível em: <http://unstats.un.org/unsd/cr> Acesso em agosto 2005.
- VERMULM, R., A indústria de bens de capital seriados (Versão Preliminar). FEA/USP, São Paulo, p. 2 e 6-10, Dezembro 2003.

Sonho  
realizado em  
**1 minuto?**

**Crédito** **minuto**

 **Banrisul**  
[www.banrisul.com.br](http://www.banrisul.com.br)



## Manifesto pela Cidade do Rio de Janeiro

*É muito fácil livrar-se de todas as nossas responsabilidades.*

*Difícil é escapar das conseqüências por se ter livrado delas.*

Graciliano Ramos

A identidade de uma cidade está mergulhada na permanência de seu patrimônio, de seus símbolos, de suas tradições e de sua cultura. As propostas de desenvolvimento são necessárias e bem vindas ao respeitarem os bens já consolidados, sejam eles materiais ou imateriais.

Acreditamos que as intervenções e os eventos, sejam eles de qualquer natureza, magnitude e temporalidade, representam para a cidade o reconhecimento de sua história.

O Rio de Janeiro se prepara para abrigar os XV Jogos Pan-americanos de 2007. Estão em andamento várias transformações do espaço público e o manejo de vultosas cifras orçamentárias para a sua realização. Entretanto, o poder público não disponibilizou de forma completa e detalhada suas intenções e custos, muito menos abriu o debate com seus moradores e esportistas, na busca por um engajamento solidário e pelo melhor aproveitamento do legado dos jogos.

Assim, vemos em várias das

propostas em andamento ameaças de diversas ordens, sobretudo, as “privatizações” do espaço público, com as quais não estamos de acordo, pois são predatórias em vários sentidos:

- a constante ameaça de remoção de moradores de comunidades mais pobres, sem uma política habitacional digna e compensatória;
- a descaracterização do uso esportivo do Estádio de Remo, para transformá-lo em local de exploração comercial e privada;
- o projeto de continuidade do uso da Marina da Glória, como atividade não prevista em sua concepção, com evidente prejuízo ao patrimônio cultural e ao meio ambiente;
- a intervenção no Autódromo Nelson Piquet, para a construção de equipamentos para outras modalidades de esportes, em local inadequado;
- a construção onerosa do Estádio Olímpico João Havelange, em meio a um bairro totalmente habitado, sem condições de oferecer, imediatamente, as condições necessárias à infra-estrutura e segurança para tal;
- o caráter elitista do projeto construído para a Vila Pan-americana, financiada injustamente com dinheiro do Fundo de Amparo ao Trabalhador (FAT), destinado para projetos populares.

Por sua vez, criticamos o abandono dos investimentos nos trans-

portes coletivos e, principalmente, a efetivação das metas contidas na Agenda Social, conjunto de ações governamentais para elevação da qualidade de vida e da cidadania.

Portanto, queremos que os Jogos sejam um grande evento de confraternização dos povos das

Américas, através do esporte. Queremos também que o legado do Pan proporcione um necessário desenvolvimento sustentável e justo para nossa cidade.

*Rio de Janeiro, cidade maravilhosa. Dezembro de 2006.*

# Comitê Social do Pan lança manifesto

**Diante da proximidade dos Jogos Pan-americanos de 2007 e com a intensificação do debate acerca da validade das intervenções feitas ou programadas em seu nome, o FPO-RJ abre espaço para o Comitê Social do Pan, movimento social apartidário, que se propõe a ser um canal de expressão da sociedade carioca frente à implementação dos jogos.**

**O manifesto publicado já conta com mais de mil assinaturas de cidadãos preocupados com os rumos tomados e, principalmente, com qual cidade herdaremos após a realização do grande evento.**

## Orçamento 2007

### FPO propõe novo limite

Um impasse envolvendo o valor legal destinado à Câmara Municipal, no exercício financeiro corrente, impediu a votação do orçamento/2007, até a data de fechamento desta edição. O *imbróglio* refere-se à classificação (ou não) de multas como receita tributária. Tal definição é importante para o cálculo do valor a ser repassado pelo Poder Executivo ao Legislativo. Independentemente da resolução jurídica, esse fato, somado a outros, demonstra a crescente dificuldade financeira da prefeitura carioca.

Como sempre, o FPO-RJ apresentou sugestão de emenda no sentido de valorizar o planejamento governamental, através de um orçamento que sirva de instrumento de controle, fiscalização e gerenciamento. O tema remete-se ao poder de alteração da Lei Orçamentária durante a sua execução. De acordo com a nossa emenda, as alterações estariam pré-autorizadas, dentro do limite de 15%, para reforço ou retirada de dotação em cada programa de trabalho, em contraponto à autorização vigente e proposta pela prefeitura para 2007, de se alterar em até 29% do total do orçamento, isto é, poder-se extinguir projetos ou reforçá-los de forma ilógica, do tipo: insignificantes R\$ 1 mil se elevam para uma vultosa dotação de R\$ 50 milhões! Enfim, um contra-senso ao planejamento e com potencial de redefinir as prioridades elencadas no orçamento.

Aguardemos a vontade soberana dos vereadores.

# Alunos do Curso do Corecon aprovados nos exames da ANPEC

■ O Corecon-RJ parabeniza seus alunos que participaram do curso Aperfeiçoamento em Economia: preparatório para o Exame Nacional da ANPEC (Associação Nacional dos Centros de Pós-Graduação em Economia) e que foram aprovados para cursar o Mestrado em diversas instituições de ensino. O objetivo do curso é exatamente este: preparar o maior número possível de alunos para serem bem sucedidos nos exames de admissão ao Mestrado em Economia. Nossas saudações e incentivos, portanto, aos alunos e alunas:

**Nossos votos de bons estudos e um ótimo 2007 para todas e para todos!**

NOME	RESULTADO FINAL*
Fabricio Rodrigues Magalhães	IE-UNICAMP
Luciana Pereira de Souza	IE-UNICAMP
Daniel Cardoso Seiceira	IE-UFRJ
Frederico Pinto Eccard	IE-UFRJ
Natália de Oliveira Pinta	IE-UFRJ
Claudia Dourado Cescato	UFF
Lorena Cassia dos Santos Barros	UFF
André Oliveira da Fonsêca	UFF
Rosa Livia Gonçalves Montenegro	CMEA-FEA/UFJF
Aruan Andrade de Almeida	ESALq-USP
Carolina Alves Motta	PPGCE/UERJ
Ricardo Mello Maluf	UFBA
Marcus Augusto Pereira Ribeiro	IBMEC-RJ

\* A maior parte dos alunos pôde escolher a instituição de ensino de sua preferência, pois são alunos que passaram para mais de duas universidades.

Cursos do Corecon para 2007



## Novo curso tem início em janeiro

Começa no próximo dia 8 de janeiro, no Corecon-RJ, o novo curso Aperfeiçoamento em Economia: preparatório para o exame da Anpec, a Associação dos Centros de Pós-Graduação em Economia. Com a carga horária de 620 horas e fornecimento de apostila em CD-Rom, o curso vai até o dia 29 de setembro.

## Nova turma do curso Aperfeiçoamento em Economia

Preparatório para o Exame Nacional da ANPEC 2007, com início marcado para o dia 8 de janeiro próximo.

**Visite nosso portal e mantenha-se informado da programação de cursos para 2007**